

Jornal das Senhoras – Tomo I - 18 de janeiro de 1852 - Edição 03

Link: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700096&pesq=&pagfis=17>

TOMO I. – DOMINGO, 18 DE JANEIRO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

As nossas Assignantes.

Faltariamos a um dos nossos mais sagrados deveres se desde já não patenteassemos o nosso profundo reconhecimento a todas aquellas senhoras que se dignarão subscrever para a sustentação deste JORNAL. Devemos-lhes uma attenção que nós já esperavamos, e uma cooperação que é toda filha do coração feminino, brioso e sensível. Está por tanto esgotada a edição toda dos nossos Figurinos, cujo numero tinhamos calculado que seria mais que sufficiente, e não chegou! Ainda temos um consideravel numero de Assignantes, que por sua mimia bondade esperão até o trimestre de Abril, que é quando poderemos receber de Paris um dobrado numero de estampas para satisfazer a todos quantos nos quizerem honrar. Entretanto temos lançado mão de todos os recursos, por mais dispendiosos que elles sejam, a fim de realisarmos aqui a factura dos Figurinos que nos faltão até esse tempo. Fazemos votos para que os nossos desejos sejam coroados de um exito felis.

Da Redactora em chefe.

MODAS.

Meu dito, meu feito. Dizia eu no meu ultimo artigo de Domingo passado, que a moda do collete de emancipação fazia grande furor em Pariz ha mezes a esta parte, e que necessariamente teria o mesmo successo em todos os logares onde ella aportasse, á vista das suas conveniencias e da sua elegante novidade: está realisado o meu dito. As vossas Assignantes, ainda mesmo tendo já noticia da moda e tambem seu colletinho, é verdade que com receios de o fazer apparecer, receberão com especial agrado o meu artigo e os competentes moldes (que lhes fico vivamente agradecida) e durante a semana tive o gosto de saber que muitos colletes ja se estão fazendo pelas delicadas mãozinhas mesmo das nossas patricias, alem de outros muitos, que o mundo elegante confiou aos cuidados das nossas primeiras modistas,

que não teem mãos a medir. Ora isto aconteceo com as vossas Assignantes, que esta visto que são do bom-tom, e não levo em conta as centenas de outras senhoras que vos obrigarão a mandar reimprimir os moldes para os

–18–

comprarem avulsos, como muito bem fizestes em annunciar, porque eu ca sou de opinião que o que é bom deve tocar a todos.

Já algumas elegantes apresentarão-se com elles no Theatro de S. Januario, e outro tanto fizerão tres lindas meninas, que forão dar vida a um bem agradavel soirée na noite de quinta feira com os seus bem talhados colletes, dos quaes um mereceo geral approvação por sua singularidade. Era todo de filó branco sobre chamalote côr de ouro e bordado de pequenos florões em retrós preto; produzia um magnifico effeito.

Em Botafogo passeavão sexta feira de tarde, pela volta das 6 horas, duas das vossas Assignantes, que bem as conheci, trajando no mesmo gosto; mas que gosto delicado e caprichoso! era um verdadeiro toilette de verão. A primeira, um pouco mais alta que a sua amiga e companheira de passeio, alva como um jasmin e de olhos pretos indagadores, trajava saia e paletot, de finissima cassa pintada, fundo branco, retomado de pequenos raminhos azues, sobre os quaes ainda havião aqui e ali espalhadas algumas estrellas de côr escura, desenho de um bello effeito. A saia era guarnecida de cinco folhos, pouco gommados, mesmo para deixar-se ver a transparencia e a finura da fazenda, e o pequeno paletot era orlado de fofinhos, tendo acima delles uma especie de grega formada de cordão de seda azul entre matames da mesma fazenda; as mangas de talho igual até á baixo com punhos voltados para cima, guarnecidos pelo mesmo gosto. Um collete branco, bordado de um pequeno filete azul, a ponto de marca, gola em pé, e quasi fechado até acima com oito lindissimos botões de pedras azues de cabecinhas de ouro, e uma larga fita de chamalote azul ferrete prendia em laço de pontas fluctuantes o mimoso e pequeno colarinho de uma rendada camisinha, que se deixava perceber apenas pela pequena abertura do collete. O que porém rematava este lindo toilette de campo com inexplicavel graça era a feliz e bem combinada mistura, expliquemo-nos assim, que a elegante fazia, da sua gentileza com um bocadinho de garbo masculino: ella passeava com uma das mãos apoiada ao seu collete e com a outra graciosamente brincava com os sinetes do seu relógio. Era um semi-homem cheio de feitiços e de encantos.

A outra, que é mais baxinha, porém viva como um azougue, trajava saia e paletot de cassa com largos desenhos verdes, tão repetidos que ao longe parecia ser toda de uma só côr.

Esta saia tinha tres folhos em distancias iguaes, guarnecidos por baixo de um largo recortado avivado por uma bordadura, a ponto de casear, de côr verde escuro, trabalho immenso mas de muito bom gosto. O paletot era liso, apenas guarnecido por cinco vivos de trancelim verde escuro, que parallelamente se acompanhavão guarnecendo todo elle em volta. O collete era todo branco e liso, mas de rebuço, fechado até meio por cinco botões da mesma fazenda; camisinha de filó bordado, e uma fita ao pescoço de chamalote preto com laço e pontas de gravata.

Gostei tanto de todas duas, que se fosse homem teria pedido nessa occasião uma dellas em casamento; ora agora qual seria das duas, isso não sei. Uma é bella, alva e romantica, a outra é morena, viva e ardente, e de todos esses attributos eu sou fanatica e apaixonada. Como me seria difficil a escolha!

A proposito de escolha difficil. Participo-vos que estive na quarta feira no fascinador Armazem de modas do Wallerstein e C., (será bom dizer-vos que fui acompanhada pelo dito meu primo dos *eclipses inveseis* e que maçou-me a paciencia por todo o caminho com a explicação scientifica de uma nova invenção *de papagaios de papel* que elle agora descobriu) mostrarão-me tantas fazendas de bom gosto, chegadas no ultimo vapor, que n'um instante me vi rodeada de chales, manteletes, visitas, paletots, camisinhas, colarinhos, leques, lenços, e tanta fazenda bonita, que desafio a moça mais decidida, que como eu, se não collocasse na difficil posição da, escolha, á vista de centenares de objectos, cada qual o mais tentador!

Como é bello porém e divertido passar nesse Armazem algumas horas analysando o sortimento de suas fazendas, os objectos mais finos e delicados de bom-tom, o luxo e o capricho das artes executando maravilhosos primores! Se eu pudesse lá iria todos os dias dar um balanço nessas preciosidades todas.

Não ha nada que se compare a promptidão com que nesse Armazem se comprehendem as intenções dos visitantes.

Snr. Gama (creio que é esse o nome de um dos intelligentes caixeiros) queira mostrar-me as fazendas mais modernas que lhe chegarão

para bailes e soirées. Ahi vem, n'um abrir e fechar de olhos, ricos vestidos de seda côr de rosa, côr de palla, azul, etc., com dois e tres babados de renda e berthe igual (no gosto do figurino que apresentastes no vosso primeiro numero) os damascos largos lavrados de todas as cores e desenhos, depois as lindas pulseiras, os finissimos leques, e as sahidas de baile.

Deixe-me ver agora-o que chegou para passeios e visitas: aqui estão as alegres Grenadines, as Balsorines, córtes de 3 e 4 babados, de todas as cores e de muito bom gosto; os manteletes de touquim bordados, os de verdadeiro retroz em ponto de malha, cuja transparencia é de grande vantagem para o realce do corpo. Em fim, elles apresentam tudo que pode haver neste genero de melhor e mais distincto, e que não me é possível descrever em um só artigo; o que vos digo é que sahi de lá, como sempre, com vontade de levar armazem e fazendas para minha casa.

Hei de visitar, já agora que principiei, todos os armazens de mais bom-tom da rua do Ouvidsr e vos irei dando noticia - do bem e do melhor - que fôr encontrando, para satisfação das vossas Assignantes.

Adeos; vou visitar a minha querida Viscondessa de... e saber como lhe ficou o seu collete de emancipação.

Catette, 16 de janeiro.

OS REIS.

Vamos a cantar os Reis! vamos! onde? a S. Domingos, a Praia Grande!

Eu, minhas queridas leitoras sempre tive o defeito de fazer-me illusões em todas as coisas; sou poeta, e por isso os Idyllios abundão na uninha cabeça. - Ah! na realisação é que eu encontro os meus desenganos...

Em tim na vespora de Reis, la ia eu no Vapor.

É muito curioso, minltas queridas leitoras, estudar as personagens d'esta comedia chamada Mundo!... as differentes esperanças e pretenções escriptas no rosto de cada um, em signos mysteriosos, que o olho atrevido do observador vae profundar na consciencia alheia.

Cuidado minhas Senhoras! desconfiai sempre dos taes velhacos observadores que se divertem á custa de seu proximo!

E com tudo é tão divertido! Principalmente no artigo namoros... Oh! é um manancial inexgotavel! Um omnibus, uma barca do vapor, um salão de refrescos, são realmente dignos de estudo.

Vamos a vespora de Reis. Entremos na barca.

Uf! quanto povo!

Não ha mais logares! que desgraça! Por fim, empurrando a este, pisando a aquelle e pedindo humildemente perdão a todos, lá me assentei por onde pude.

Todos vão a festa! Todos estão contentes e satisfeitos! fazem bem - ha tanto que chorar neste Mundo!

Observemos: os velhos sorvem sua pitada e olhão para as moças, por causa de um fluido de atracção que estes demoninhos, quando são bonitos, possuem e que grupa em torno d'ellas porção de satellites - não em figura de globo opaco.

Simplesmente de paletot e calça a *la Robert Macaire*.

Observemos. Os moços que não querem ser menos do que os velhos, namorão as moças.

Assim rapazes, não ha que perder o tempo.

E as meninas? O que fazem ellas?

Já se sabe, divertem-se á custa dos velhos e dos moços. E é o melhor que ellas podem fazer - sempre que se jogar com dinheiro falso, o troco deve andar listo.

Cada uma cuida ser a mais bonita que está no vapor.

Cada um julga que é o mais sympathico galanteador do momento.

Este gordo occupa o lugar que serviria para sete: aquelle magro, escondido entre seus dois visinhos, apresenta só duas canellas de defunto.

Lá está um sujeito que não faz se não olhar para a prôa. E' porque traz um taboleiro de doce, e está tomando sentido que um entremettido os não vá annalysar.

Este sorve tabaco, aquelle boceja, outro dorme.

Por fim chegamos! Todos querem saltar primeiro, e lá vão homens, presuntos, moças, perus, e taboleiros em boa união e conformidade.

Vamos aos Reis. - Eu julgava que isto de cantar os reis, era um passeio romantico, em que com passo mesurado se gozava

- 20 -

do bello luar, da musica, do golpe de vista sem igual da nossa bahia, e do aroma suave e penetrante das flores da mangueira e das mil flores dos jardins de Nictheroy.

Pois sim! estava eu fresca!

Sahimos: quiz a desgraça que ficassemos dettidos alguns segundos, quando quizemos seguir, a musica tinha desaparecido.

Por onde foi?

Está no Ingá Grande, em casa do Presidente.

Como elles vão a passo redobrado, já devem lá estar; pois corramos.

E lá iamos nós cahindo aqui levantando acolá.

Jesus! ai que calor !... que suor!

Corremos os dois Ingás grande e pequeno! Ninguem !

Oh! maldição! A musica estava embaixo! Moídos, suados e arfando, vamos lá.

Felizmente para mim, de tempos a esta parte que faço só papeis mudos nas farças do mundo; por isso sentei-me em um canto e puz-me a observar: é minha mania.

A musica era do maestro Noronha; sobre este senhor é-me vedado fallar, nem bem nem mal, porisso nada digo.

Cantavão, tocavão, e em toda a parte erão recibidos com a mais graciosa hospitalidade.

Veio o dia de Reis, vamos outra vez a - passo de ataque - até a Armação!

Ah! se o Sr. Araujo não possuisse uma casa tão linda, se sua recepção não fosse tão brilhante... ai que ficavamos zangados de correr até lá; porém não foi possível, e o panorama que se descobre da casa do Sr. Araujo merece todo o sacrificio para gozar d'elle.

Aquelle ar embalsamado, aquella lua eclypsada, aquella cidade que ao longe parecia dormir, aquella vasto lençol de agua tão limpida e serena, como a lamina de um espelho de aço, e depois aquelles grupos negros, fantasticos e collossaes das montanhas, era un quadro que se não póde descrever, bulia sim com todas as fibras de meu coração e de minha cabeça, e eu aspirava com toda a força dos meus pulmões aquella ar carregado de tão suaves emanações - me perdia nos espaços imaginarios -

Minha senhora, á ceia! vamos á ceia! - me gritou uma voz. —

Vamos á ceia, respondi eu; e troquei meus delirios de poeta pelas mais ricas iguarias que em verdade se podem apresentar, porém que não compensão essa emoção indefinivel, que se apodera do coração em momentos dados.

Por fim concluirão as festas do dia de Reis. - Salvo o *passo de carga*, a poeira que cegava, e as informações falsas e outros pequenos inconvenientes, que eu cá sei, deve continuar o uso da cantata de Reis. Se para o anno aqui estiver não faltarei á ella.

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel luta.

MICHELET, Historia de França.

II.-MIGUEL.

Assim se chamava a personagem que a taes horas chegava á estancia com uma mensagem tão importante.

Era Miguel, um d'esses desgraçados que o preconceito arrancou do seio maternal, para sacrificial-o nas aras de um falso ponto de honra: fructo do amor desventurado, ou de uma abominavel seducção, Miguel se encontrava só no mundo, sem mesmo possuir a lembrança de quem tomara o cuidado da sua desvalida infancia.

O deserto e suas despovoadas planicies, erão o seu berço, a sua patria, seu lar domestico: seu cavallo *tordilho* tinha sido até aquella época, a sua familia, o seu amor e o seu amigo: não era elle o companheiro fiel da sua vida errante e aventureira?... Porém Miguel não era um gaucho vulgar; ainda que orfão e sem fortuna, possuia elle uma elegancia innata, por isso nem á sua pessoa nem ao seu cavallo faltavão os arreios necessarios que devidem o gaucho elegante, do peão ordinario; porque, com quanto o filho do sertão não curvasse a cabeça a um trabalho quotidiano e regular, difficilmente se encontraria domador mais agil, *vaqueano* mais seguro, nem portador mais veloz: assim conservava a sua independencia, era exacto em seus compromissos para

* Vêde os numeros 1 e 2.

{continua}

MODINHA BRAZILEIRA

DO

Jornal das Senhoras

Beth de Brito e Braga, . A. Pinto. Fez

Andante

CANTO

Heide ex - is tir só por ti *Mi*

PIANO

Heide ex - is - tir só por ti

Mi -

nh'al - ma prenda que ri da Hei de exis tir só por

nh'al - ma prenda que - ri - da

Hei de exis - tir só por

ti Mi - nh'al - ma pren - da que ri - da

ti

Mi - nh'al - ma

pren - da que - ri - da

ri da Não me ne gues a es - pe - ran ça Quando

- ri - - da Não me ne _ gues

a es - pe - ran - - ça

Quando



não tira – me a – vi – da Quando não ti – ra me a



vi – da Não me ne – gues a es – pe ran – ça Quando



não quando não ti – ra – me a vi – da

Vêr – te, oh Ceo em braços d'outro

De novo, amor aquecida..!

Morrerás, antes q'eu veja,

Quando não tira – me a vida.

com os outros homens, e fallava só aquillo extrictamente necessario aos seus negocios.

Ninguém se lembrará tel-o visto jamais chegar a uma venda, nem entremetter-se em contendas de qualidade alguma; melancolico e indifferente, Miguel passava mezes inteiros vagando sem destino pelos campos; e os mesmos habitantes do campo, vendo cruar as silenciosas planicies. montado em seu cavallo tordilho, o saudavão amigavelmente; a vista do orfão já lhes era familiar.

Miguel era alto, de talhe flexivel, demasiado claro, para um campeiro, seu todo era cheio de distincção que lhe dava certa superioridade sobre o resto dos gauchos, suas feições de uma escrupulosa regularidade, tinham um character varonil assás pronunciado para que as mulheres, que fazem consistir a beleza dos homens nos traços feminis, o chamassem bello. Sua testa alta e bem delineada, revelava a intelligencia e a nobreza dos sentimentos, em seus grandes olhos azues, coroados de largas pestanas, havia um não sei o que de triste e de vago diremos que o seu olhar era pensativo ou parecia sempre que procurava um deserto immenso para perder-se na linha enganosa dos orisontes visiveis. Miguel parecia sempre concentrado em si mesmo, e assim devia de ser aquelle coração solitario que nunca tinha amado; e estava acostumado a fallar só com Deus. Possuia elle o dom penetrante do observador, e custava resistir-se ao seu olhar fixo e penetrante com que procurava lêr o pensamento alheio.

Miguel era um diamante sem pollir, uma intelligencia vasta e um coração de fogo que dormião ignorados na solidade e no total ignorantismo das coisas do mundo.

No meio d'esse frio desamor que parecia a herança da sua vida, um homem havia a quem Miguel respeitava, e de quem talvez era o amigo; esse homem era o general Rosas!

Dos labios d'esse homem partirão as unicas palavras de amizade ou de interesse que chegarão primeiras até o coração do orfão.

Esse homem collocado tão alto na escala social, extendia a sua mão ao aventureiro gaucho, bebia *mate* com elle e dava-lhe o nome de *amigo*.

Rosas era pois o homem que simbolisáva a humanidade aos olhos de Miguel, por isso, apesar de sua repugnancia, ia ás vezes até a cidade, e as comissões do governador erão executadas com a mais religiosa pontualidade; obedecia sem annalysar, porque respeitava muito o chele para procurar esquadrinhar as acções do homem. Com tudo nenhum compromisso official os ligava; Miguel servia sem recompensa porque era uma resolução inalteravel e porque guardava como um thesouro a sua selvatica independencia individual. e por isso mesmo maior

era a regularidade com que executava as commissões de que se encarregava. Não devia confiar Rosas em um tal servidor?

III. JUIZ DE PAZ DO BARADEIRO.

Assim que o Juiz de Paz fechou a porta, sentou-se ao pé de uma grande mesa, que havia no centro da sala, e convidou ao mensageiro para que fizesse outro tanto,

O Juiz de Paz do Baradeiro, maça de carne sem valor moral algum, seu *Deus* era o dinheiro, seu *dever* a conveniencia propia; ignoramos se sabia traduzir no idioma dos sentimentos moraes a palavra *conciencia!* para elle todos os Governos erão bons se o conservavão na sua dignidade de individuo *empregavel*, e do contrario tambem não dizia nem palavra, porque o augmento de suas vacas e de seu bem-estar material erão para elle, a verdadeira missão de todo homem que tem senso comum; nenhum principio, idea alguma, merecia na sua opinião o sacrificio do dinheiro e das vacas; principios, ideas, leis, não erão outra coisa que *maroteiras* de revoltosos para lograr o povo e roubar-lhes a fortuna.

Havião já alguns minutos que o Juiz de Paz e Miguel olhavão sorrateiramente um para o outro em silencio: o primeiro na sua limitada intelligencia, atormentava-se procurando advinhar porque não principiava a fallar o mensageiro; no entre tanto este, obedecendo ao seu antigo costume, esperava que o interrogassem para fallar, porque parecia-lhe isso mais natural, que uma declaração expontanea da sua commissão.

Em fim o Juiz de Paz, depois de coçar duas ou tres vezes as orelhas, assentou de si para si, que em sua diguidade de Juiz competia-lhe o interrogar o joven, attribuindo o silencio d'este ao natural respeito que devia impor-lhe a sua autoridade.

– 22 –

- V. m. vem da cidade? perguntou o Juiz, com toda a dignidade magistral que soube reunir em torno da sua muito distincta pessoa.

- Assim mesmo é. Respondeo laconicamente o mateiro Miguel lançando um olhar obliquo e prescrutador sobre o seu interlocutor.

- Fallou com S. Exa. o Snr. Governador?

- Assim mesmo foi, retornou Miguel.

- Por força fallou-lhe em mim? E pronunciando estas palavras, que deixavão entrever um ponto de contacto entre S. Exa e o Juiz de Paz, o feliz mortal deitou a cabeça para atraz com a maior dignidade possivel.

- Mandou-lhe muitas lembranças e estes papeis, dizendo isto, tirou Miguel da algibeira do seu *tirador* * um despacho fechado com o sello da Republica.

Com todo o acatamento devido, abriu o Juiz de Paz os importantes despachos, e depois de concluida sua leitura ficou abismado de ver que para coisa de tao pouca importancia, S. Exa. mandasse um proprio, cuja adhesão era notoria, e geralmente era escolhido para as missões importantes e de segredo. Com tudo o Juiz de Paz, apesar de sua curta intelligencia, sabia que o Governador não enviava homem da importancia de Miguel para levar, como se diz vulgarmente, *uma sopa fria*.

Em quanto o Juiz fazia estas reflexões, o mensageiro o observava com ar socarrão, e ria-se interiormente da magoa que estava patente no compungido rosto do magistrado; por fim limpando o suor que lhe banhava a testa, procurou o digno funcionario reatar o fio de uma conversa que terminava o primeiro capitulo da sua embaixada, e ver se entre os monosyllabos do selvatico embaixador encontrava luz que lhe indicasse o rumo da derrota que de ia seguir.

- Que novidades corrião pela cidade? disse o Juiz de Paz, tirando a tampa da sua cigarreira e offerecendo um puro correntino ao enviado de S. Exa. o Snr. Governador.

Os dois homens acenderão os charutos, e depois de tomarem algumas fumaças, Miguel respondeo.

- Dizem que em um barco que remonta o Paraná, está um inimigo da Patria.

- Como! exclamou o Juiz tirando o charuto da boca, e encarando o mensageiro.

- Parece, continuou o moço, que vem de passageiro um Unitario. (Continúa.)

* Faxe de coiro que uzão os gaudhos do Plata e os do Rio Grande do Sul tambem.

BELLAS-ARTES.

Acha-se de volta á sua patria o Sr. Stokmayer, que fôra mandado por seu pai a Europa para estudar a bella arte da musica. O Sr, Christiano Stokmayer não regressou ao Brasil com vozes esperançosas, nem com attestados de seus mestres, não: trouxe comsigo riquissimas composições suas, e uma valentia de execução, que o eleva ao gráu de um grande pianista. Nas composições musicaes do *maestro* brasileiro, que pertencem á escola allemãa, ressumbrão, a par de uma grande originalidade, vigorosos effeitos, e aquelle encadeamento de idéas, tão peculiar aos tres grandes genios da Allemanha.

Ao mesmo tempo em que temos a gloria de possuir esta illustração artistica no seio da patria, augmenta-se o nosso prazer com a chegada das primeiras composições musicaes do Sr. Amado, discipulo do Conservatorio de Milão, e protegido do nosso consul em Genova, o Sr. Lecomte.

Por muito tempo o representante da arte foi o Sr. F. M. da Silva, cuja musa feneceu no meio de tempos tão criticos para as artes, mas que assim mesmo foi um grande sustentaculo; por muito tempo foi elle o salvador da Arca: o unico herdeiro d'aquella estima e consideração, que tivera seu immortal mestre, o padre José Mauricio; e o que impedio a musica de um completo naufragio nos bancos da demagogia frenetica e estulta que nos dominou nos primeiros dias de Abril de 1831.

A este valente contrapontista, á este musico, se deve o esplendor da Sociedade de Beneficencia Musical, o brilho da Sociedade Philarmonica, e a creação do Conservatorio de Musica, que, apesar dos claros e patentes factos que mostra, e apesar da sua reconhecida utilidade, não tem aquella protecção que merece, e que é reclamada pela época em que vivemos, época de sacrificios e de grandes manifestações pela musica.

Que o Brasileiro é musico, isso é indubitavel; e porque não o aproveitaremos n'este elemento civilizador, como é devido, e como reclama o nosso estado de progresso, mormente na cidade dos pianos?

Porque se não completão as cadeiras que faltão? Felizmente já temos no paiz artistas capazes de bem ensinar.

R.

— 23 —

POESIA.

A autora dos versos que seguem é uma jovem e bella menina brasileira, que occulta o seu nome, como a violeta se occulta melindrosa entre a sua verde folhagem: é de esperar que mais adiante publiquemos outras poesias da mesma senhora, e que se ella o consentir revelemos seu nome.

E' delastimar que comecemos reproduzindo o retrato da inconstancia, porém o poeta é um ente duplo e que não deve julgar-se pelo que escreve, porque nem sempre diz aquillo que sente.

MEU RETRATO.

Qual borboleta
Que vai voando,
Por entre as flores
Gentis brincando;

Ama do cravo
Lindo carmin,
Afaga a rosa,
Beija o jasmin;

Do lirio adora
Minoso alvor,
Mas logo o deixa
Por outra flor;

Eis meu retrato
Em meus amores;
Sou borboleta
Por entre as flores.

Não soffro auzencias
Nem agonias.
Mudão meus gostos
Todos os dias.

Amando a todos
Sem ter paixão
Sempre está livre
Meu coração.

THEATROS.

Já vol-o disse minhas queridas leitoras; e anno de 1852 pinta mal para os theatros.

Forão *Os dois Foscari*; é dizer, cantarão-se dois actos, salvo alguns pequenos cortes; o resto foi-se.

O nosso tenor; (valha-me Deus) logo escolheu para sua estréa o nosso theatro. a voz é cosi, cosi - sem novidade - *todos hão de ser* - estão uo futuro condicional; e nós o que dezejamos é o presente....

Supprimiu-se o terceiro acto dos *dois Foscari* por doença do tenor; mas elle assim mesmo previniu-se, porque desde o primeiro já a aria da Medée estava na orchestra. foi uma doença de encomenda, com a qual é necessario que o publico se conforme, do contrario podem adoecer os cantores todos: porque é assim que se deve fazer com o tal Sr. publico. Engaja-se um cantor ruim, não agrada! Pois engaje-se outro peor, para que se reconheça a differença e não hajão impertinencias: acostumem-se e contentem-se com aquillo que lhe derem. Lá em quanto a dizer, que quem paga o seu dinheiro quer ser bem servido, isso tambem é asneira; em alguma coisa ha de se gastar o denheiro. Adiante.

O Folhetinista do *Jornal do Commercio* tem estado muito severo, e muito scientifico na sua critica; saiba para outra vez que isso de sciencia é tempo perdido, e que ao publico não lhe é *permittido* ter orelhas; dizer que a *Sra. Zechini desafinou!* V. m. não entende d'isso Sr. Ella quiz dar um dó agudo e engasgou se; quer dizer que não acabou como ella tencionava; porém ahi estão os Srs. Vega e Giannini, que affirmão que não, ora! E já se vê, que quando elles o affirmão deve ser as-sim; o publico se tal ouviu, enganou-se. - Isto nos traz a lembrança a historia de um sujeito, que quando querião encaixar-lhe alguma pêta, perguntava elle muito serio. -

- V. m. viu?

- Sim senhor vi; respondia-lhe o outro.

- Pois não acredite, retornava o tal maganão.

- O que senhor! pois eu não heide acreditar n'aquillo que vi?

- Não, meu amigo, não acredite.

Assim dizemos nós, V. m. ouviu?

Sim senhor ouvi, e todo o mundo ouviu. Sim! Pois não acredite n'isso.

Minhas queridas leitoras é quasi meia noite, tenho muito somno, mas Deus me defenda de deixar de fallar-vos do espectaculo de hoje; bem vêdes que é quinta feira e eu estou sentenciada

Hoje pois foi a - Gargalhada, - SS. MM. II. Dignarão-se honrar-nos com a sua presença: tive n'isso grande prazer, havia perto de dois annos que os não via; e posso asseverar-vos que tinha saudades. Eu, com quanto goze por ahi da fama de republicana, socialista e não sei que mais, fui sempre muito affeiçãoada á toda Familia Imperial, as Augustas Irmãs de S. M. e a sua digua excelsa Esposa.

O João Caetano, electrizado com a presença de tão Augustas Personagens, tocou esta noite na – Gargalhada - o apogeo magnetico do genio-oh! que vos direi? opprimiu-se-me o coração e por fim desatei a chorar! que vergonha! chorar como uma criança? Mas que fazer? quando sobre o palco scenico um actor faz vibrar á sua vontade as fibras do sentimento!

Estavão annunciados para esta noite uns cantores francezes de passagem para a California. Ah! e lá forão; e lá se apresentarão!

Elles dizem que vem de Paris, o que importa dizer que este só - *venho de Paris* - é uma recommendação. - Uma pessoa que vem de Paris por força tem algum merecimento; pois d'esta vez Paris fez fiasco. -

Santos Ceos! A republica terá feito uma tal revolução nas artes que devéras esses sujeitos serão por lá cantores, pianistas ou quer quer seja?! Mal vestidos, com cada mão, como de quem se criou a cavar com a enxada; e sobre tudo que execução de pianista, que porte de Barytono em scena!!! que Dama !!!!

Quanto melhor teria sido, que em lugar de concerto, tivesse ella dado uma exposição no Muzeu; lá entre os objectos raros da natureza tinha mais lugar, que sobre o palco scenico, como artistas.

E houverão palmas !!!

Queremos suppor que forão de caçoadas; porque o publico do Rio de Janeiro não pode ter esquecido o que são concertos, e a escolhida polidez dos artistas n'esses soirées do bom-tom, que muito desejariamos não cahissem em desuso em uma Côte onde já é sensível a falta de um salão de concertos.

A tal *carcundinha*, que sem duvida não é a do Judeu Errante, não cantou o que tinha promettido - é verdade que o duetto do *Ciri* foi amostra bastante, e guardou o resto de suas habilidades para brilhar com ellas na California; pois olhe, de não se decidir a fazer uma exhibição n'alguma *Ménagerie*, ou então deixem de mão a California, onde ja ha muita civilisação, e vão cantar diante da Rainha Pomacé.

Vou dormir - adeus, não digaes que sou severa demais, apenas sou imparcial.

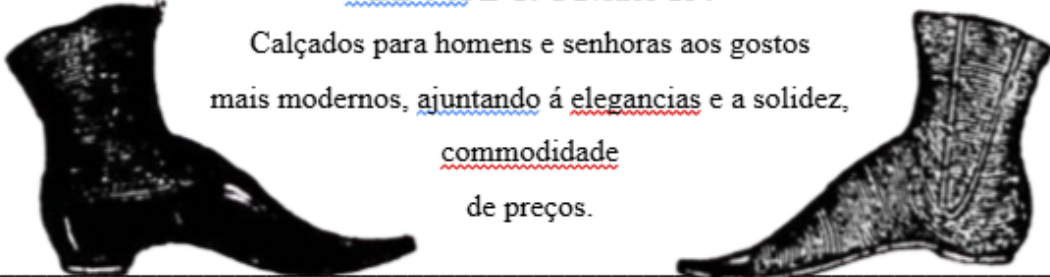
Offerecemos desta vez ás nossas Assignantes a terna e melodiosa Modinha - *Hei de existir só por Ti* - Referir a rasão ou motivo que levou o seu autor a esta composição torna-se desnecessario; o mesmo verso revela esse segredo. Desejamos unicamente que ella vos agrade tanto, quanto agradou ao interessante objecto a quem foi dedicada.

Para o quarto numero daremos um romanse da composição do nosso maestro Noronha.

A correspondencia deste Jornal, em carta fechada, deve ser dirigida á casa da Redactora em chefe, beco do Cotovello n. 18, a qualquer hora.

VIANNA E C. Ouvidor 154

Calçados para homens e senhoras aos gostos
mais modernos, ajuntando á elegancias e a solidez,
commodidade
de preços.



JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.

PRECO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 3U000 rs. na corte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n. 20.